

A Unidade como Critério de Conhecimento e Ação

Prof. Dr. Jair Militão da Silva

Professor Associado FEUSP – Aposentado
Professor e Pesquisador no Programa de Mestrado em
Educação da Universidade Cidade de São Paulo

Resumo: O texto problematiza – de um ponto de vista educacional - a possibilidade e a necessidade da construção de um pensamento que busque contemplar a totalidade dos fatores constituintes de uma situação, tendo em conta as diversas abordagens que almejam a conquista dessa totalidade na compreensão dos entes e das situações rumo à descoberta do ser. Busca ainda levar em conta os acadêmicos que se iniciam no trabalho de pensar de forma radical, rigorosa e global.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Conhecimento. Pesquisa. Princípio da Unidade

Abstract: This paper discusses - from an educational point of view – the possibility and the necessity of building a thinking which consider the whole: all the factors in a situation and the several approaches to understanding being and reality, with special attention to those who begin university studies.

Palavras-chave: Philosophy. Education. Knowledge. Research. Principle of Unity

Este texto procura ser uma contribuição ao diálogo instaurado na comunidade acadêmica em torno da possibilidade e da necessidade da construção de um pensamento que busque contemplar a totalidade dos fatores presentes em uma situação. Tem presente as diversas abordagens que almejam a conquista dessa totalidade na compreensão dos entes e das situações rumo à descoberta do ser. Procura, no entanto, apresentar as análises a partir de um ponto de vista educacional. Busca ainda levar em conta os acadêmicos que se iniciam no trabalho de pensar de forma radical, rigorosa e global.

O que é isso que isso é? Diferentes tipos de resposta, diferentes tipos de abordagem, diferentes tipos de pensamento

A história humana registra como relação mais primordial do ser humano com o conhecimento da realidade a apresentação da pergunta “Que é isso que isso é?” De início confundindo-se com o mundo natural o homem vai gradativamente percebendo-se diferenciado do ambiente e, desse modo, consegue “olhar” a realidade como algo fora de si e essa estranheza leva-o a procurar recuperar uma unidade mediante o conhecimento. É possível perceber esse movimento ao longo da história da espécie humana, como também do indivíduo humano. A busca da compreensão da realidade

produz diferentes tipos de abordagem, entre as quais se destacam a mítica, a filosófica e a científica.

Estas abordagens são formas de pensar a realidade, sendo o pensamento o meio pelo qual o ser humano entra em contato com esta mesma realidade. Ainda que o contato direto se dê mediante os sentidos, o organizador das diversas sensações é o pensamento.

A modalidade de pensamento define o alcance de compreensão da realidade, suas possibilidades e limites.

Assim, o pensamento mítico tendo como características a afirmação de um discurso sobre a realidade que não se deixa confrontar com outro discurso, pode acolher elementos contraditórios e, criando mitos, incorporar conflitos sociais que não podem vir à luz sob pena de destruição das relações sociais. Esta é uma possibilidade de sustentar relações sociais que de outra forma não subsistiriam. Exemplo disso é o conhecido mito do boto amazônico brasileiro. Este pensamento explica o nascimento de crianças albinas e de crianças “sem a presença do pai”, ou seja, crianças que nascem sem a presença masculina, sejam de um pai ausente por mais de nove meses, seja o caso de uma mãe solteira. O olhar do boto tem o poder de engravidar a mulher. E mesmo em situações em que esta não se aproxime de um rio em que nadem botos, isto não é problema, pois o boto sai da água e, disfarçado de homem, aproxima-se da mulher e, ao olhá-la tem o poder de engravidá-la. A realidade da infidelidade com vizinhos que convivem muito proximamente traria conflitos mortais e o mito do boto tem o papel de acolher este conflito e, na condição de mito, harmonizar a realidade com a necessidade de convívio social.

O pensamento filosófico avança, em relação ao pensamento mítico, pois incorpora a possibilidade de diálogo entre discursos diferentes. Não basta a mera afirmação, mas há a necessidade de argumentação mediante o diálogo e “vence” o discurso que apresente maior razoabilidade, que seja mais convincente. Desse modo, as contradições e incoerências de um discurso podem ser constatadas e, uma vez percebidas, ser objeto de exame mais acurado. Por isso o pensamento filosófico apresenta como características marcantes a busca de ser radical – no sentido de busca da raiz da realidade -; rigoroso – no sentido de coerência interna do discurso -; global – no sentido de levar em conta a totalidade de fatores presentes na situação. A busca de um pensamento global, radical e rigoroso leva à convicção de ser possível alcançar a totalidade de conhecimento possível sobre um dado objeto ou situação.

O pensamento científico tem como característica marcante a busca de objetividade, de tal modo que o sujeito conhecedor interfira o mínimo possível no conhecimento produzido, no sentido de não deturpar a possibilidade de conhecer. Esta objetividade consiste em ser possível a demonstração e a descoberta por outro sujeito, que siga os mesmos procedimentos, do mesmo conhecimento obtido pelo primeiro cientista. A história do pensamento científico, todavia, registra a descoberta da inelutável presença do sujeito conhecedor, ao menos na escolha do objeto de conhecimento. Ao selecionar o objeto a ser conhecido o sujeito já interfere na possibilidade de conhecimento. Entretanto, o ganho obtido com o pensamento científico é, sem sombra de dúvida, o domínio sobre os objetos, de modo especial, mediante a descoberta do “como” da realidade, ou seja, da descoberta da estrutura e funcionamento da realidade, o que permitiu o avanço da ação humana sobre a realidade. O pensamento científico abstém-se de procurar conhecer a globalidade da realidade, porém não deixa de buscar conhecer o máximo possível de um dado ente da realidade.

A procura da unidade na variedade

O que sempre intrigou o ser humano foi a diversidade da realidade, a diversidade dos entes. Procurando o ser o homem encontra o ente. Na busca do “que permanece enquanto tudo muda” os seres humanos estão à procura da unidade do ser que pensam estar presente nos entes. Estão à procura do *quid*, do conceito. De fato, encontramos diversos tipos humanos, muito variados física e psicologicamente entre si; todavia, somos capazes de distingui-los como seres humanos. Somos capazes de encontrar uma *humanidade*, de tal maneira que uma situação que se afaste desse conceito nos levará a não reconhecermos com humano o ente que não contenha os atributos do conceito humano. Dessa forma, o conceito é o que nos permite compreender a realidade e entrar em comum união com ela.

Mas, porque os seres humanos procuram entrar em comunhão com a realidade e para isso valem-se do conhecimento? Esta pergunta equivale a perguntar o que é o homem e porque age assim. Equivale, portanto, a procurar o conceito de homem.

A resposta pede um discurso sobre a realidade do homem.

O que é isso que é ser humano?

A observação atenta sobre o ser humano, sobre nós mesmos, pode indicar algumas características que nos ajudam a compreender como somos.

Uma primeira constatação é a de que temos em nós um desejo de conhecer a realidade, de compreendê-la, de tê-la conosco, de entrarmos em comunhão com ela, de sermos capazes de criar unidade e viver desse modo com a realidade e, por isso, procuramos mudar as situações em que nos encontramos, adaptando-as aos nossos desejos.

O desejo de perfeição, de tornar o real adequado à imagem perfeita que dele fazemos é outra característica constitutiva do ser humano. É o desejo de encontrar no mundo fático o conceito perfeito existente no pensamento.

Em contrapartida, ou melhor, em consonância com o desejo de perfeição possuímos o medo e fugimos da corrupção, entendida como o rompimento da perfeição. E como a morte do ser é a corrupção máxima desejamos evitá-la aspirando à eternidade.

Corrupção também é falta de sentido nos relacionamentos consigo mesmo, com os outros e com a natureza e por isso sempre procuramos o sentido último, a razão das coisas, incluído nessas “coisas” nosso agir, nosso sentir, nosso pensar. Temos que sempre ter uma razão que justifique nosso ser e nosso agir e isto é o sentido que atribuímos à existência e à ação.

Este desejo de perfeição e a conseqüente fuga da corrupção do ser podem ser expressos na afirmação comum entre os antropólogos de que “o que é uno não causa nojo”. De fato, o sentimento de nojo nos impele ao afastamento enquanto o sentimento de unidade nos aproxima dos entes e das situações. Sentir-se uno é reconhecer características que nos tornam passíveis de comunhão sem a existência de fatores de repelência.

Unidade como princípio e critério de verdade

A serem verdadeiras as afirmações anteriores sobre quem somos enquanto seres humanos, é possível dizer que temos a unidade como princípio de ação e critério de verdade do ser. O ser verdadeiro é aquele que não está corrompido e que se encontra em unidade consigo e com o ambiente no qual se situe. A ação verdadeira é

aquela que não está dividida em seu significado último, ainda que na prática não alcance a totalidade almejada.

À luz dessas considerações como pensar a educação para que ela seja verdadeira em seus princípios e em sua ação concreta? Deverá ser uma educação plena de unidade. Que considerar como unidade na educação?

Uma educação que tenha como princípio e objetivo a unidade

O que é uma educação que leve em conta a totalidade dos fatores presentes na situação? Será uma educação que procure exercer um pensamento radical, global e rigoroso e que, considerando a máxima capacidade do sujeito cognoscente, busque encontrar os elementos constituintes de sua entidade.

Desse modo, podemos dizer que uma situação educativa caracteriza-se como tal quando e somente quando é uma superação de uma situação a outra mediante um caminho com a adesão consciente e voluntária do educando. Destacam-se, portanto, como pontos nodais, uma situação inicial, um caminho e uma situação final. Um agente que é conduzido e um agente que conduz.

Como objeto de conhecimento a situação educativa pede a compreensão do ponto de partida, do ponto de chegada e do caminho. Para a melhor compreensão do ponto de partida contribuem a antropologia e a gnosiologia; para a compreensão do ponto de chegada, uma visão teleológica que explicita fins e objetivos; para a compreensão do caminho, uma visão metodológica, que contemple formas de caminhar rumo à mudança.

Portanto, uma proposta educativa deve ter em conta o que é adequado ao ser humano.

A finalidade da educação, para ser adequada à natureza humana, deve buscar a verdade em suas dimensões ética, estética, gnosiológica, lógica e ôntica. O belo, o bom, o verdadeiro são objetos da busca humana de perfeição e condensam-se no Supremo Bem que orienta a conduta de cada um. Se esse Supremo Bem é adequado à natureza humana pode contribuir para que o pleno desenvolvimento dela aconteça; caso, ao contrário, esse Supremo Bem esteja aquém das imensas potencialidades humanas, podemos dizer que contribuirá para a desumanização da pessoa, reduzindo-a a dimensões menores do que aquelas a que poderia chegar. Portanto, ao educador compete ajudar o educando a perceber em que deposita suas energias, que objetivos elege para buscar a vida. São dignos de sua pessoa? Ajudam a conseguir felicidade autêntica?

Novamente aqui um critério pode ajudar: estes objetivos contribuem ou não para a inteireza do ser, para a vida em unidade consigo mesmo, com os demais seres humanos e com o ambiente natural no qual se insira? Em caso afirmativo, podem ser fortes contribuintes para a obtenção da felicidade; todavia, em caso negativo, como registra a história humana, produzem mais sofrimento desnecessário do que alegria.

O exame atendo da constituição do ser humano mostra como está ordenado para uma harmônica proteção da vida e dessa harmonia resulta bem estar e felicidade. Esta harmonia só pode, pelas leis naturais, ser posta em risco em função de um bem maior, ou seja, de um acréscimo de felicidade. Veja-se o caso das ordenações celulares que se reproduzem conforme regras que visam garantir a sobrevivência da pessoa. Estas “certezas” só são deixadas de lado por uma possibilidade de um bem maior, como é o caso da reprodução humana, onde uma célula “arrisca-se” unir-se a outra “desconhecida” por causa da possibilidade do surgimento de um novo ser.

Que caminhos trilhar?

O educador interessado em promover uma educação fundada na visão de homem que valoriza a unidade como critério de conhecimento e ação precisa ter alguns elementos balizadores da caminhada.

Uma analogia interessante pode ser aquela de uma viagem realizada para um tradicional encontro anual de educadores em uma cidade de região montanhosa que precisamente por ocasião dos encontros registra densas neblinas e nevoeiros. As estradas de acesso são pouco confortáveis, com uma única via, de duas mãos, e os veículos passam por ladeiras e curvas bem próximas de profundos precipícios. A visibilidade, por vezes, é quase nula e os motoristas “anuais” chegam mesmo a parar a viagem à espera que melhorem as condições de tempo. O motorista de ônibus que viaja todo dia, ao menos duas vezes em cada dia, não interrompe a viagem e transita enfrentando as mesmas dificuldades da estrada. O que o torna mais apto a esta ação em relação aos motoristas “anuais”? Certamente a familiaridade com o ambiente, com o percurso, enfim, a experiência maior que possui em relação aos demais motoristas.

O interessante, todavia, é que, viajando de ônibus pode-se observar bem próximo ao condutor, que ele também não tem muita visão do que vem pela frente; entretanto, vale-se de marcos deixados na estrada por outros que preparam o terreno para os que iriam utilizar o caminho. A sinalização existente é seguida rigorosamente, inclusive os limites indicados para cada parte do trajeto. Por vezes, a única possibilidade de andar sem cair nos precipícios é obedecer cada sinal de “curva perigosa à esquerda”; “desça utilizando os freios do motor”, etc. Acreditar na autoridade e na boa fé de quem preparou o caminho “salva” o condutor e os conduzidos.

Desse modo, torna-se interessante ao educador e aos educandos encontrarem “sinais” que ajudem a chegar à feliz cidade procurada.

Um dos primeiros marcos a ser observado é a busca da globalidade como critério de pensamento, entendendo-se aqui como a procura de levar-se em conta a totalidade dos fatores presentes na situação. A honestidade intelectual não permitirá “jogar para baixo do tapete” fator ou fatores que estando presente na realidade “incomodam” e passam despercebidos propositadamente. Um dos fatores mais esquecidos, geralmente, é o fato das ações humanas e do próprio ser humano estarem cheios de falibilidade, fraqueza e possibilidades de enganos e erros. A grandeza do ser humano não reside em não errar, mas, antes, em reconhecer o erro e procurar corrigi-lo. Portanto, uma educação para a felicidade é aquela que não busca criar homens infalíveis, mas sim com humildade verdadeira.

Outro sinal importante a ser levado em conta é a comum-união como modo de trabalho. De fato, o trabalho humano em sociedade constitui-se mediante a divisão do poder e das tarefas. Isto, entretanto, não significa divisão de objetivos finais, de forma de ver os empreendimentos. Ao contrário, o que pode colocar pessoas em movimento de trabalho é justamente a existência de uma unidade de objetivos.

Quando educadores e educandos estiverem em densa neblina e puderem ver apenas alguns metros à frente um marco de grande valia será a lembrança da unidade de destino dos seres humanos. Nascemos todos da mesma maneira, em essência, e estamos todos destinados ao mesmo fim, em essência. Esta comum origem e este comum destino podem ser objeto de exame e daí resultar uma compreensão profunda do que sejam e, desse modo, serem percebidos como algo bom que traz em si possibilidades de felicidade.

De modo especial, ao pensar o destino humano como algo que aparenta ter fim, o desejo de superar a corrupção do ser, de preservar a perfeição da pessoa, lembra a possibilidade da transcendência e da superação da morte ontológica como horizonte constitutivo.

Para além da morte física perdurará o ser, esta é a esperança inscrita no DNA humano. E tanto isto é verdade que no cotidiano procuramos superar as “mortes” diárias, ônticas, de nosso ser: ao não sermos levados em conta pelos que nos são mais próximos na família, na escola, no trabalho, nas amizades. Nos momentos em que sentimos que o tempo “está passando muito depressa”; quando nos falta o significado do viver. Queremos superar estas situações porque queremos viver; queremos superar a corrupção de nosso ser mediante a conquista da unidade da pessoa consigo mesma, com os outros e com o ambiente.

Certamente, educadores e educandos que possam ter estes sinais ao longo de seus caminhos, mesmo que encontrem as névoas do inverno das montanhas, poderão chegar à alegria do encontro com todos os outros que também percorreram estes caminhos e chegaram ao objetivo buscado.

Uma última lembrança é não se esquecer de aproveitar a beleza da paisagem por onde passem; não se fixem tanto no objetivo final que cheguem a se alienar do tempo presente. Caminhar bem é tão importante como chegar ao fim do caminho.

Recebido para publicação em 05-01-09; aceito em 26-01-09